



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO CAMPONESA NA RELAÇÃO CAMPO- CIDADE**

Luma Dutra Brito  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: luma.dutra1@hotmail.com

Miriam Cléa Coelho Almeida  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: miriamclea@gmail.com

### **INTRODUÇÃO**

Entende-se, dialeticamente, que o campo e a cidade estabelecem vínculos inseparáveis de dependência e complementaridade, posto que, embora apresentem valores históricos e sociais inteiramente específicos e diferenciados, ambos os espaços só podem ser compreendidos por meio das expressões de uma sociedade que os constrói e reproduz com o propósito de satisfazer as suas necessidades, seja no âmbito da sobrevivência ou para fins lucrativos do capital.

Considerando, com base no movimento da divisão social e territorial do trabalho, que a cidade necessita da produção camponesa e que os sujeitos (camponeses) do campo se reproduzem na cidade por intermédio da realização-comercialização dessa produção, evidencia-se, que este fundamento é a condição central, para desmistificar a relação de subordinação que é empregado sobre os espaços do campo e da cidade.

E é conforme tais reflexões, que este estudo (que se ancora em uma realidade empírica analisada em uma pesquisa de graduação; retomada e prosseguida em pesquisa de mestrado, em fase inicial), procura compreender, mediante o desenvolvimento da sociedade urbana, os nexos históricos da intensificação da divisão social e territorial do trabalho com a reprodução do campo na cidade. Acredita-se que este caminho teórico metodológico é o mais apropriado para se entender e explicar, concretamente, o vínculo dialético estabelecido entre o campo e a cidade, por meio da produção camponesa realizada-comercializada no espaço urbano de Vitória da Conquista-BA.

Este esforço científico será parametrado pelo estudo desenvolvido no bairro-comunidade da Lagoa das Flores, em Vitória da Conquista-Bahia, como um espaço, que para além do que o critério legislativo prevê, apresenta características que se assemelham

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



ao campo e atividades direcionadas para a produção agrícola que não abastecem somente a cidade em apreço, mas que é distribuída para diversos municípios da região, e até para outras regiões.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo busca entender as expressões do movimento da divisão social e territorial do trabalho e o processo de reprodução do campo na cidade, como fundamento central para explicar a mediação estabelecida entre os espaços urbanos e rurais tendo como base a produção camponesa efetivada-comercializada no espaço urbano de Vitória da Conquista-BA. Para tanto, se auxilia nos pressupostos que compreendem que, muito embora, o campo e a cidade apresentem valores, atividades e conteúdos históricos e sociais distintos e específicos, estes referidos lugares só podem ser analisados se concebidos como uma unidade dialética contraditória, portanto indissociável.

Para se alcançar os resultados, tomou-se inicialmente como foco uma pesquisa exploratória em diversos estudos de autores como Gaudemar (1977), Marques (2008), Martins (2002), entre outros que trazem para o centro do debate questões relativas à produção do espaço urbano e rural, à mobilidade do capital e do trabalho, a divisão social e territorial do trabalho, a produção camponesa, entre outras.

Ademais, estão sendo construídos os instrumentos de coletas de dados e informações a serem aplicados com as famílias camponesas, empreendedores rurais e trabalhadores locais, de modo a permitir a realização de uma leitura da realidade tendo como suporte a história de atuação dos sujeitos inseridos no universo da pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Historicamente, verifica-se na relação e reprodução camponesa e proletária no espaço, seja no campo ou na cidade, uma luta cotidiana das classes sociais em se reproduzir e resistir frente às investidas propagadas pela ação capitalista. Estas, por causa da lógica estrutural do modo de produção, se constituem no anseio e exigência de concentrar e de extrair exorbitantemente o lucro e a renda da terra, em função da escravização do trabalho humano.



Marques (2008) entende o campesinato como uma classe social que se forma no espaço, de modo que a reprodução histórica desses indivíduos implica nas interações e atuações diferenciadas com a terra, pois os mesmos criam com o referido território de origem um modo de vida associado à sobrevivência, não tendo como princípio fundamental o benefício lucrativo que o uso da terra é apto de oferecer, mas a vivência social da família.

A declaração a seguir, demonstra claramente que o vínculo “afetivo” em que os moradores apresentam pela terra, vai além das necessidades, da existência ou fins monetários:

Essa terra dá as coisas pra gente alimentar, pra (*sic*) viver, pra ensinar os filhos. Essa terra aqui pra mim é tudo, dá riqueza, porque é a riqueza da gente, dá tudo. Essa terra trouxe benefícios demais (A.C.D.O. \_ Membro de uma família camponesa, comunidade da Lagoa das Flores, 05/05/2016).

Nessa perspectiva, entende-se que esses indivíduos contemplam o campo como um lugar de pertencimento, imprescindível no processo de recriação e permanência dos seus valores, que se consolida em virtude da preservação da sua essência e acima de tudo pelo “afeto e amor” que dispõem a ter pela terra, sejam condicionados pelo trabalho ou pelos longos períodos de vivência no referido ambiente.

Verifica-se que a terra para o empreendedor rural é vista como grande investimento, que em virtude do processo de valorização, possibilitou acumular o lucro. Com base na declaração a seguir, constata-se o que a terra representa para o proprietário rural:

Pra mim, tem muita importância [...] Quanto é uma fazenda aí? R\$800 mil, R\$700 mil... se você analisar, hoje dá menos de 3 tarefas, pra um milhão, então hoje uma terra dessa é bem valorizada. Aqui, meu irmão falou que não vai vender não é as posses não, vai vender as pás de terra. Igual eu tô falando: hoje, a terra é um absurdo. Uma mulher veio pedir R\$400 mil numa tarefa [...] 1 hectare é duas tarefas e meia. Então, hoje expandiu demais [...]. Isso. O que eu tô falando: terra aqui é muito caro, pensa aí, 3 tarefas de terra hoje é 1 hectare. Ela vai querer R\$1,2 milhão de reais. Você com R\$1,2 milhão de reais, você faz muita casa pra o futuro você botar para aluguel. (G.N.D.S. \_ Proprietário rural, comunidade da Lagoa das Flores, 23/11/2016).



Diante de tal compreensão, foi certificado que o processo de valorização da terra obstruiu os mesmos (trabalhadores) da oportunidade de conquistar o direito de posse desse recurso, seja para habitação ou produção. Vítimas destas dificuldades, estes sujeitos declararam se submeter, (em torno das diversas condições) à venda, permanentemente, ou, em diárias, a sua força de trabalho mediante a necessidade de garantir a sua sobrevivência e da sua família no espaço. O relato que se segue, atesta o desejo de acesso do camponês à terra:

Eu tenho a vontade de ter a própria terra. [...] Sempre trabalhei para os outros. O custo de vida é muito pouco. A maioria da terra aqui é arrendada. A terra tá, caríssima. Precisamos de um custo de vida melhor, ganhar mais, porque nós ganhamos muito pouco. [...] Pra você comprar uma terra, tem que ter um custo de vida, entendeu? Aí o que você ganha é 1 salário. Nós que não temos terra, que trabalha para os outros, eu não tenho terra pra (*sic*) trabalhar [...] aí quando você arruma uma terra pra (*sic*) trabalhar, se você for trabalhar e arrendar a terra, você tem que investir nela. Na realidade, quem sai no lucro é o dono da terra que arrendou, porque você pega uma terra na bruta, pra você deixar ela desse jeito aqui, você gasta muito [...] (J.S.S. \_ Trabalhadora camponesa, comunidade da Lagoa das Flores, 06/06/2016).

Para Martins (2002) além da inserção e expansão tecnológica ter atuado como uns grandes responsáveis pela expropriação da comunidade camponesa sobre a terra, o autor acrescenta que outras intervenções como a concentração fundiária, a alteração das áreas agrícolas para pastagem, ou a conversão da terra em razão do acúmulo monetário, e a proibição que impede à ocupação ou usurpação por parte dos migrantes provenientes de outras regiões, tem incentivado à expulsão destes sujeitos do campo.

Dessa maneira, Gaudemar (1977) apresenta a mobilidade da força do trabalho como uma peculiaridade típica do proletariado que se submete forçadamente a sustentar as atuações contraditórias e desiguais do modo de produção capitalista introduzida na socialização humana e constituída no cenário mundial. Na narrativa a seguir, é possível entrever a relação de pertencimento que os camponeses da Lagoa das Flores estabelecem com a terra:

Não, eu não saía. Eu não saía porque meu lugar aqui é muito maravilhoso e foi eu quem construí do zero. Então eu lutei pra (*sic*) ter ele. Esse barraco aqui da fazenda, eu lutei com essas duas mãos que você está vendo aqui e graças a Deus nunca morei de casa alugada. Eu lutei, porque hoje para ter as coisas não vá pensar que cai lá do céu, não. [...] Tu vê (*sic*) assim eu com essa idade, mas eu tenho uma disposição



por dentro de mim [...] não sairia daqui por dinheiro nenhum, você poderia botar milhões na minha mão, eu não saía, não. [...] Podia me oferecer um trabalho melhor pra mim, mas só que eu não sairia daqui do meu lugar. Eu podia arrumar um trabalho melhor [...] assim, se eu precisasse no caso daqui pra frente, e podia até [...] melhorar mais um pouco (M.D.F.M.F.\_ Membro de uma família camponesa, comunidade da Lagoa das Flores,04/05/2016).

Em conformidade como o relato foi certificado que a população entrevistada, em sua totalidade, aprecia domiciliar na comunidade da Lagoa das Flores, e explicam que o seu lugar de vivência oferece diversas possibilidades atrativas que asseguram a sua permanência no espaço em estudo, seja no que se refere às elevadas ofertas de empregos (fruto da produção em larga escala de hortaliças) ou, ainda que parcialmente, a oportunidade de suprir as suas necessidades básicas.

## CONCLUSÕES

Com as informações arroladas anteriormente, sob a ótica da realidade concreta evidenciada no bairro-comunidade da Lagoa das Flores, em Vitória da Conquista, reafirma-se que a mediação cultivada dialeticamente entre o campo e a cidade, é extremamente necessária para o entendimento do espaço pesquisado, que muito embora, seja marcado, predominantemente, por singularidades e atividades associadas ao campo, é especificado e determinado pelos critérios legislativos como bairro. Desse modo, vê-se que o Estado, na esfera municipal, não considera em suas interpretações os valores e princípios humanos, construído historicamente pela sociedade no espaço, para definir suas áreas administrativas.

Portanto, assevera-se, por intermédio do real concreto, que os princípios científicos necessitam ser revistos e redefinidos, mediante a viabilidade de explicar e reforçar a realidade estudada. Desse modo, nos compete assegurar as modificações acontecidas nas cidades, no campo e reafirmar a dialética cultivada pelos espaços do campo-cidade, que muito embora, desenvolvem conteúdos sociais e históricos, completamente, próprios e distintos, ambos só podem ser entendidos na sua relação indissociável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Camponês; Capital; Relação campo-cidade; Trabalho; Terra.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

## REFERÊNCIAS

GAUDEMAR, Jean- Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Estampa, p. 181-262, 1977.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. A atualidade do uso do conceito de camponês. **Revista Nera**, UNESP, Presidente Prudente. 12, jan./jun. 2008. Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/12/9\\_marques\\_12.pdf](http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/12/9_marques_12.pdf) . Acesso em: 14 set. 2015.

MARTINS, José de Souza. A vida entre parênteses: migrações internas no mundo contemporâneo, In: *nez A sociedade vista do abismo*. Petrópolis: Vozes, p. 139-162, 2002.



**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**